

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

João Batista de Oliveira

**MODERNIDADE E RELIGIÃO
A PERDA DE AUTONOMIA DO CRISTIANISMO, SOBRETUDO CATOLICISMO**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dr. Emerson José Sena da Silveira.

Juiz de Fora
2019

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **JOÃO BATISTA DE OLIVEIRA**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201473164A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **MODERNIDADE E RELIGIÃO A PERDA DE AUTONOMIA DO CRISTIANISMO, SOBRETUDO CATOLICISMO**, desenvolvido durante o período de julho de 2019 a novembro de 2019 sob a orientação de EMERSON JOSÉ SENA DA SILVEIRA, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

JOÃO BATISTA DE OLIVEIRA

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

MODERNIDADE E RELIGIÃO

A PERDA DE AUTONOMIA DO CRISTIANISMO, SOBRETUDO CATOLICISMO

João Batista de Oliveira¹

RESUMO

Diante do processo de modernidade, observa-se uma grande mudança no modo de vida do ser humano. Conceitos fundamentados no “ser divino” que até então mantinham o controle dos indivíduos, começaram a ser transformados por ideias racionais, que permitem ao homem uma nova conduta, dando a ele maior autonomia sobre as tomadas de decisões, podendo construir seu próprio caminho. O presente artigo tem como objetivo, sugerir uma reflexão sobre a perda da autonomia do cristianismo, sobretudo, o catolicismo e suas reações diante da modernidade. Modernidade essa, que promove grandes acontecimentos e revoluciona o mundo ocidental. Para tal estudo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, reunindo opiniões de alguns autores, com a finalidade de agregar conceitos que contribuam para o desenvolvimento e compreensão de forma mais clara do objeto em estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Cristianismo. Catolicismo. Modernidade.

1. INTRODUÇÃO

Definitivamente, a modernidade deixou sua marca na humanidade, revolucionando o mundo ocidental, no contexto econômico. Se apresentou no fim da Idade Média com conceito do capitalismo, se consolidando como Revolução Industrial nos séculos XVII e XVIII, consagrada pela Revolução Francesa através da tríade, (Liberdade, Igualdade e Fraternidade), provocou uma crise no cristianismo, exigindo que se repensasse e fizesse uma releitura moderna dessa religião. (COSTA, 2009)

No entanto, para desenvolver esse tema, foi necessário fazer uma breve introdução sobre a história da modernidade, que permite um olhar sobre os acontecimentos que causaram grandes conflitos nesse período. Em seguida, foi observado o cristianismo. Nesse momento, debruçou-se um pouco mais em direção ao catolicismo, observando a perda de sua autonomia diante do pensamento racionalista. Nesse cenário, encontram-se novos pensamentos que contribuíram para a renovação de ideias e conflitos nessa era, utilizando o pensamento iluminista por acreditar que sua influência tenha sido a que mais impactou esse processo.

O catolicismo, por ser nesse momento a religião dominante, que conduzia a vida do ser humano, suportou o choque causado pelo revolucionário pensamento moderno, construindo assim, uma identidade sólida que ainda é resistente até os dias atuais.

Os processos de pluralização e secularização causaram grandes transformações no modo de condução da religião, principalmente em sua forma institucionalizada. A partir dessa nova visão, a religião deixa de ser o fator fundamental para o ser humano, que passa a viver com uma nova mentalidade, não mais ditada por uma autoridade divina ou humana, construindo, ele sua própria história.

A proposta aqui apresentada, tem como objetivo compreender, a partir do desenvolvimento da modernidade no mundo, como a religião, mais precisamente o cristianismo em seu formato católico, que em princípio mantinha um poder controlador sobre o ser humano, é repensada, de certa forma, sendo obrigada a se ajustar à nova conjectura de racionalidade.

2. CONTEXTO HISTÓRICO DA MODERNIDADE

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: jb23_oliveira@hotmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Emerson José Sena da Silveira.

A modernidade é um período de tempo que se caracteriza pela realidade social, cultural e econômica que vigora no mundo. (COSTA, 2009)

Diante desse cenário de modernidade, as pessoas são levadas a fazer referências à ordem política, econômica e à organização das nações a qual esse movimento é constituído. No entanto, o mais importante a ser argumentado é a trajetória do pensamento humano, seu processo de construção.

É comum ouvir referências ao tempo como moderno. Esse termo utilizado na linguagem passou a ter um contexto contemporâneo que trata da coexistência em um mesmo período de tempo.

Para entender um pouco melhor sobre a modernidade, é necessário passar pela história e ver de forma sucinta como ocorreu a passagem de um período de tempo para outro.

Fica evidente, que os eventos que deram início à essa era, surgiram com a Revolução Francesa, ambições comunitárias e associativas nesse período, revelavam uma busca por um conceito político democrático, o qual se tornou consagrado pela Revolução Francesa, como: igualdade, liberdade e fraternidade, superando assim, os pensamentos das organizações tradicionais da Idade Média.

Com a introdução desses novos acontecimentos, se desenvolveu uma crise no cristianismo, exigindo que sua prática fosse repensada, para que uma releitura dessa religião fosse realizada de forma que acompanhe a modernidade. O cristianismo, sob o conceito católico, tornou-se resistente à modernidade, utilizou como modo de “proteção” à contra-reforma e à antimodernização. Cercado por esses meios, construiu uma forte identidade que ainda é resistente, até hoje. (COSTA, 2009)

Entende-se por modernidade, como modo de desenvolvimento da civilização na Europa ocidental a partir do século XVI, diante de movimentos como o humanismo renascentista e a reforma protestante, considerado o século da ruptura com a Idade Média e com a civilização cristã. Nos séculos seguintes, XVII e XVIII, com o desenrolar da Revolução Francesa, constituiu-se fundamentos filosóficos e políticos, no pensamento, Empirista, Racionalista e Iluminista. (COSTA, 2009)

Os pensadores empiristas, juntamente com o pensamento Iluminista, acreditavam profundamente que o conhecimento verdadeiro estava na experiência a partir dos sentidos, estabelecendo como forma verdadeira de conhecimento do mundo, da razão e da ciência. Com esse pensamento racional, a França que então era construída sobre forte estrutura tradicional teológica, é abalada em seus pilares, seu poder que era assegurado pelo “poder divino” foi derrubado diante do fortalecimento do pensamento racionalista de igualdade.

Uma importante figura desse período foi René Descartes (1979), que em 1637 publica sua principal obra, Discurso do método, onde apresenta o que se chamou de método cartesiano. Tal método, juntamente com o pensamento racional, contribuiu para os eventos que deram início à Era Moderna: a Revolução Industrial.

Diante do desenvolvimento industrial, a sociedade europeia estava passando por grandes mudanças provenientes das guerras armadas e dos conflitos de ideologias, que por sua vez colaboravam para uma produção de maior escala de bens materiais. Os processos de cercamentos, que davam autorização para que as terras comuns fossem cercadas e transformadas em pasto, fizeram com que os camponeses se deslocassem para os grandes centros urbanos, sendo obrigados a venderem sua força de trabalho nas grandes fábricas que estavam sendo construídas (HOBSBAWM, 1986).

Observa-se então que, a partir da mudança de realidade na vida dos indivíduos, suas relações começaram a se tornar diferentes. As estruturas sociais existentes no momento e costumes que antes eram relacionados com o meio rural e a produção agrícola foram se modificando. Novos conflitos surgiram devido ao novo formato nos conceitos das relações trabalhistas e também influenciados pelo capitalismo emergente, que por sua vez foi o fator principal para organização do mundo (HOBSBAWM, 1986).

A modernidade se construiu em meio a conflitos ideológicos da razão, assim o tradicional pensamento que era fundamentado em conceitos religiosos foi sendo abandonado e substituído pelo pensamento humano racional de sua realidade. Para ilustrar um pouco esse conceito, foi utilizado como respaldo a sociologia analítica de Max Weber que faz referência a esse fenômeno, tendo em vista que o sujeito moderno passou a se desfazer de seus costumes e crenças que tinha seu firmamento, em conceitos religiosos, o que ele chamou de “desencantamento do mundo”.

O mundo, então, começa se tornar mais globalizado. Com a modernização, a distância entre os povos se torna menor, nações passam a ter conhecimentos umas das outras, as relações entre elas passam a ser mais frequentes (GIDDENS, 1991).

Sobre a globalização:

A globalização pode assim ser definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa. Este é um processo dialético porque tais acontecimentos locais podem se deslocar numa direção anversa às relações muito distanciadas que os modelam. A transformação local é tanto uma parte da globalização quanto a extensão lateral das conexões sociais através do tempo e do espaço. Assim, quem quer que estude as cidades hoje em dia, em qualquer parte do mundo, está ciente de que o que ocorre numa vizinhança local tende a ser influenciado por fatores — tais como dinheiro mundial e mercados de bens — operando a uma distância indefinida da vizinhança em questão. (GIDDENS, 1991 p, 60-61)

Anthony Giddens (1991), apresenta como sugestão para esse processo de modernização, quatro grupos institucionais complexos de grande importância que influíram nesse desenvolvimento, são eles: poder administrativo, poder militar, capitalismo e industrialização. Esses pilares formam a base do processo de modernização.

O poder administrativo faz referência ao crescimento e ao desenvolvimento da nação-estado secular, que tem base, em formas burocráticas e racionais para administração de sua população, “lei e ordem”, permitindo o desenvolvimento de um estado envolvido na sua sobrevivência e na de outros, como disse Giddens (1991).

Representados pelas novas formas de produção fabríco-industrial e também pelas novas formas de cálculo econômico como o lucro, que passou a dominar a economia moderna, que antes era realizado de forma tradicional baseados na agricultura, estão o capitalismo e a industrialização.

Por fim, o poder militar com base na tecnologia e exércitos profissionais das sociedades modernas. Industrialização bélica que permitiu aos estados modernos a satisfação de encontrar e conquistar as sociedades tribais e impérios absolutistas.

Para além disso, Giddens (1991) trabalha com a questão de tempo, traçando sua dialética centrando seu conceito no “Desencaixe do espaço e tempo”. Para exemplificar tal situação, esse autor faz referência à invenção do relógio, dado como marco importante para transição das sociedades tradicionais para modernas. O relógio permitiu uma medida de tempo universal, com essa noção moderna de tempo, o indivíduo que antes utilizava a maneira rústica de medir o tempo, passa a ter sentimento que o mundo está se encolhendo, diminuindo a distância a partir do momento que as comunidades começaram a calibrar seu senso-tempo com outros no mundo.

O processo de modernização, fez com que os indivíduos e as comunidades das sociedades tradicionais se distanciassem de sua identidade fixa no tempo e no espaço.

Giddens (1991) diz que a modernização e a modernidade são baseadas em um processo, segundo uma ideia fixa e estreita de “lugar” e “espaço”, que estão sendo destruídas gradualmente pelo conceito de “tempo universal” e ainda sugere que existem dois tipos de mecanismos de desencaixe: fichas simbólicas e sistemas peritos. No primeiro caso, o dinheiro pode ser citado como exemplo. O dinheiro foi então capaz de mover os indivíduos de contexto local a global e pode então, estabelecer relações sociais através do tempo e do espaço.

Implicações espaciais do dinheiro segundo Simmel:

o papel do dinheiro está associado a distância espacial entre o indivíduo e sua posse... apenas se o lucro de um empreendimento assumir uma forma que possa ser facilmente transferida para outro lugar ele garante a propriedade e ao proprietário através de sua separação espacial, um alto grau de independência ou, em outras palavras, automobilidade... o poder do dinheiro de cobrir distâncias possibilita ao proprietário e a sua posse existirem tão afastados um do outro a ponto de cada um poder seguir seus próprios preceitos numa medida maior do que no período em que o proprietário e suas posses ainda permaneciam num relacionamento muito direto, quando todo engajamento econômico era também um engajamento pessoal (GIDDENS, 1991, p. 32).

Já os sistemas peritos, surgem com os resultados das revoluções científicas, adquirindo mais conhecimentos técnicos e especialização. Afirmando-se como “científico” e “universal”, esses sistemas podem

estabelecer relações sociais através de grandes períodos de tempo e espaço. Como exemplo cita-se, o “sistema médico moderno” de cuidado à saúde, tendo como base reivindicações universais da ciência.

As sociedades modernas passaram a confiar nesses sistemas, que mantêm com certeza a chave do relacionamento entre os indivíduos e eles.

Com essa configuração é possível observar o quanto a modernidade marcou a caminhada da humanidade, tornando o mundo globalizado através do processo de desenvolvimento industrial, econômico, ideológico, político e religioso, porém, a religião segue um curso de adaptação e enfrentamento dessa nova realidade.

3. ALGUMAS IDEIAS ILUMINISTAS

O iluminismo é um processo revolucionário que ocorreu na Inglaterra no século XVII, ratificou princípios básicos para filosofia política, moral e também da natureza. No século seguinte, com a Revolução Francesa, esses princípios passaram a ser melhor representados, ressaltando os impasses e a necessidade de ultrapassar aquele limite filosófico, que posteriormente é espalhado pelo resto do mundo (GRESPLAN, 2014).

Seus pensadores defendiam as liberdades individuais e o uso da razão para legitimar o conhecimento. Também conhecido como “século das luzes”, esse movimento teve sua origem no que foi chamado de “revolução científica”. Afirma-se que esse processo é constituído por duas vertentes, que são: a primeira, consolidada no conceito religioso e escatológico; a segunda, no conhecimento científico com segurança na Revolução Francesa (SILVA, 2007).

Crendo que a razão explicaria todas as coisas do mundo, os iluministas repudiavam o teocentrismo, (Deus como centro de tudo) e também eram contrários ao poder absoluto da monarquia e ao mercantilismo, sistemas que para eles eram injustos, pois impediam o desenvolvimento. Tendo como base o pensamento racionalista, fonte de conhecimento humano, sonhavam que o mundo poderia ser perfeito, onde todos pudessem conviver de forma harmoniosa, orientados pelo princípio da razão. Para os intelectuais da época, esse movimento tinha a habilidade de iluminar a capacidade humana de criticar e desejar um mundo melhor (SILVA, 2007).

A principal característica do pensamento iluminista era explicar através da razão todas as questões relacionadas à sociedade. Os pensadores iluministas, de maneira geral, fazem defesa dos conceitos de liberdade, justiça, igualdade social, divisão de poderes e governos que fossem representativos, para eles esses princípios são de extrema importância para que se tenha uma sociedade mais equilibrada, tornando o homem mais feliz (SILVA, 2007).

As crenças religiosas e o misticismo foram sendo substituídos pelo pensamento racional, que de acordo com os pensadores, impediam a evolução do homem. O homem, então, passa a ser o centro, buscando respostas para questões que antes eram sustentadas pela fé. Eles acreditavam que para se chegar à felicidade em comum, era necessário que todos desfrutassem de uma sociedade mais justa com direitos iguais. Por este motivo, eram contrários às imposições colocadas pela religião, o absolutismo e o mercantilismo, o que remete à ideia de progresso (SILVA, 2007).

De acordo com os iluministas, cada indivíduo deveria pensar por si próprio, passando da “menoridade para maioridade”, abandonando as ideologias que eram forçados a seguir.

A razão iluminista apresenta-se a se aos seus adeptos como um instrumental crítico que se dirige a cada indivíduo naquilo que possui de mais íntimo e essencial — sua consciência racional de ser humano. Mas que convencer e persuadir, com argumentos racionais, trata-se de trazer à tona, em cada um, essa capacidade, ou essência racional, comum a todos: pensar por si mesmo, “sair da menoridade pra a maioridade”, tal é a palavra de ordem. (Falcon.2009, p, 38)

É na Revolução Francesa onde se nota maior influência do iluminismo, seu pensamento com base na razão, ajudou a destruir as cadeias políticas e enfraquecer os poderes fundamentados na religião. Tal fato, levou a grandes conflitos entre sociedade feudal e católica e, às novas forças de vocação protestante e mercantilista, que atinge seu ponto mais alto na Revolução Francesa (SILVA, 2007).

É a partir de então, se começa a desenhar uma forma política inovadora pois, a revolução arruinou com as relações de produção medieval, ao mesmo tempo em que se apropriaria das novas formas de produção

oriundas da Revolução Industrial, dando início à livre iniciativa privada e ao fortalecimento do desenvolvimento capitalista (GRESPLAN, 2014).

Várias foram as mudanças nesse momento, como exemplo, a extinção do voluntariado militar representado pela nobreza, o fim os privilégios nas sociedades francesas e as formas de promoção social, política e econômica se concederia por mérito pessoal. O indivíduo passaria a ter posse de direitos de acordo com a “Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão”, que declara: “os homens nascem e permanecem livres e iguais em direito; a associação política tem por finalidade assegurar a liberdade, a propriedade, a segurança e a resistência à opressão. Sendo livre, e responsável pelos seus atos, o homem se torna o centro do universo (GRESPLAN, 2014).

Os objetivos da Idade Média, foram perdendo seu destaque após a construção do pensamento iluminista no ocidente, pois diante da modernidade, a individualidade e as razões críticas do método de independência do iluminismo, precisariam de conhecimento (SILVA, 2007).

4. PLURALISMO E SECULARIZAÇÃO, RELIGIOSA E MODERNA.

A modernidade deu significado à pluralidade a partir do momento em que a cultura do mundo pré-moderno começa a ser desfeita, direcionando a sociedade em uma nova forma de relacionamento através da razão. (COSTA, 2009)

Diante da perda da autoridade tradicional, cujos fundamentos eram sustentados pelos conceitos da religião, depara-se com a autonomia que foi alcançada no âmbito social, econômico e político, sendo ela, parte essencial na modificação cultural proporcionada pela centralidade da razão humana, o que no ocidente significou a liberdade da cultura diante da proteção exercida pelo cristianismo, mais precisamente da Igreja Católica. (COSTA, 2009)

A modernidade colaborou no desenvolvimento de uma grande quantidade de sentidos, acompanhando um processo de ideologização definido pela perda do domínio por parte da Igreja, assinalando o fim da cristandade na Idade Média, contribuindo assim, com maior abertura de espaço para as chamadas formas racionais de conhecimento.

Com a nova postura tomada a partir da formação de ideias do racionalismo empírico e da autonomia que é dada ao homem, que passa a questionar as explicações para além de sua existência, no conceito de produção de seus saberes, as certezas religiosas ocidentais tornam-se desacreditadas.

O impacto causado pelos novos pensamentos da modernidade coloca em evidência não somente a diversidade da religião em si, mas também a independência do indivíduo, a evolução da sociedade, e a proclamação de sua opinião diante das autoridades tradicionais da época, abrindo sua vida privada, saindo o cidadão de debaixo da normas colocadas pela tradição religiosa, passando a questioná-las.

Daniele Hervieu-Léger em seu livro *O Peregrino e o convertido*, mostra algumas características marcantes dessa modernidade que são:

A primeira característica da modernidade é colocar à frente, em todos os domínios da ação, a racionalidade, ou seja, o imperativo da adaptação coerente dos meios aos fins que se perseguem. No plano das relações sociais, isto significa que os indivíduos deveriam, em princípio, manter seu status social em função apenas de sua própria competência, adquirida pela educação e a formação e não como herança ou atributos pessoais.

Este se resume numa afirmação fundamental: a da autonomia do indivíduo-sujeito, capaz de “fazer” o mundo no qual ele vive e construir ele mesmo as significações que dão sentido à sua própria existência.

A modernidade implica, em um tipo particular de organização social, caracterizada pela diferenciação das instituições. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.31 e seg.)

Nesse novo modelo de sociedade, já não se aceita mais a fé como fator único e de forma automática, pois a sociedade é condenada por um pluralismo de convicções e de várias religiões, o cristianismo então perde sua autonomia.

Desligando-se do passado e de seus conceitos, inicia-se o processo de secularização, transformações recorrentes no período, na tecnologia, na política, filosofia e cultura, reconfigurando o perfil social da humanidade ocidental. O homem já sob a influência do pensamento moderno da racionalidade, passa a indagar sobre sua relação com a sociedade e a natureza, o que leva a uma enorme crise existencial vivida pela sociedade europeia na história, pois os mesmos sempre estiveram mergulhados em valores morais fundamentados em ensinamentos metafísicos, valores que dispunham de uma vida dedicada à experiência com o sagrado. (COSTA, 2009)

O impacto causado pela secularização na religião ocasionou a ruína do que era aceitável como definição religiosa tradicional, dessacralizando o indivíduo, mas principalmente nas formas institucionais que serviam como pilares de sustentação para guiar o indivíduo dentro de uma ordem. Observa-se, então, um grande conflito entre a esfera religiosa que agora é restrita à vida particular e/ou privada do indivíduo e à sociedade moderna organizada. (COSTA, 2009)

Os conceitos tradicionais das instituições religiosas que trabalhavam em prol de regular os pensamentos e as ações dos cidadãos, foram se desfazendo mediante a mudança de pensamento ocasionada pela secularização. Outro setor também atingido pelo pensamento de racionalização foi o Estado Moderno, utilizando um conjunto administrativo, que por sua vez passou construir leis abstratas, com intuito de dominar a sociedade, chamada de burocracia por Weber (WEBER, 2004).

A religião então fica de fora de assuntos políticos, assumindo um papel limitado na formação da sociedade e do indivíduo.

Entende-se por secularização, como o meio de superação ao controle que era exercido pela igreja cristã no mundo, tendo como uma de suas características o ganho de autonomia a respeito da interpretação religiosa e das instituições em especial. Com o avanço do conhecimento humano, o sistema de ética, segundo o qual as normas de conduta provêm de fora (de Deus), entra em conflito com as explicações dos fenômenos naturais, ocasionando a perda de autoridade das instituições religiosas.

Isso avançou demais e atingiu as instituições do Estado Moderno, surgindo assim um novo fenômeno que é a formação do estado laico. A laicidade é um processo social estritamente relacionado com a esfera política. Sucintamente, em um sentido refere-se à formação de um Estado desvinculado de qualquer grupo religioso e de um espaço público neutro em matéria religiosa. Em um outro sentido, refere-se à imparcialidade do Estado com respeito às religiões, o que resulta na necessidade do Estado em tratar com igualdade todas as religiões (JÚNIOR, 2008).

Com a modernidade foi possível renunciar a visão mítica imposta pela leitura litúrgica bíblica, construindo assim um novo objetivo religioso, em uma nova configuração teológica, na qual o pensamento místico-religioso lentamente perde espaço para o pensamento racional. O homem do mundo moderno estava mais receptivo a novos acontecimentos voltados para a secularização, a religião por sua vez, deixa de ser o conhecimento fundamental no comportamento humano e na visão de mundo (COSTA, 2009).

De um modo abreviado, pode-se dizer, que o mundo secularizado é aquele que os acontecimentos da vida humana, não dependem da hipótese de Deus como fonte de explicação para tudo.

Daniele Hervieu-Léger sobre a secularização:

A "secularização" das sociedades modernas não se resume, portanto, apenas ao processo de evicção social e cultural da religião com o qual ela é confundida, muitas vezes. Ela combina, de maneira complexa, a perda da influência dos grandes sistemas religiosos sobre uma sociedade que reivindica sua plena capacidade de orientar ela mesma seu destino, e a recomposição, sob uma forma nova, das representações religiosas que permitiram a esta sociedade pensar a si mesma como autônoma. (Hervieu-Léger.2008, p, 37)

5. REAÇÕES RELIGIOSAS AO MODERNO

Com o desenrolar do processo de modernização e o desenvolvimento do pensamento racional de visão do mundo para o homem, as religiões passam a se preocupar em encontrar formas de manter vivos seus pensamentos nesse cenário (COSTA, 2009).

O cristianismo, sendo uma das maiores forças religiosas nesse período, no formato do catolicismo, reage em relação ao novo conceito de ideias, buscando uma forma de embate com a modernidade para que não

perca sua autonomia sobre o homem, por sua vez, faz uma revisão de seus conceitos para uma adaptação em conjunto com esse processo.

Utiliza-se, portanto, o contexto histórico como forma de argumento para mostrar as reações religiosas diante da modernidade. Nesse momento, atenta-se para as reformas que ocorreram no cristianismo a partir do século XVI, pois são inegáveis as mudanças ocorridas em ideologias dentro da própria religião, que a partir do pensamento humanista levou ao surgimento de novas religiões, como, Luteranismo, Calvinismo e Anglicanismo. Reforma protestante e contrarreforma (SEFFNER, 2011).

Breve introdução sobre as Reformas: em um período totalmente dominado pelo poder da Igreja Católica na Europa, onde tudo que estava relacionado com o modo de vida das pessoas, era determinado por Roma, surge então vários questionamentos sobre a crença e práticas realizadas pelo Papa, ocasionando em um rompimento da hegemonia da Igreja Católica, conhecido como Reforma Protestante.

Vários foram os motivos que levaram a esse rompimento, contudo serão citados apenas cinco considerados de maior importância: o movimento renascentista, (humanismo), que coloca o homem no centro das preocupações; a imprensa, que surgiu no século XIV, difundindo as ideias protestantes em várias partes da Europa (BURKE, 2004); o poder econômico da Igreja Católica, que cobrava todos os tipos de taxas, o que gerou uma cobiça de vários grupos que apoiavam as reformas; a questionável venda de indulgências (perdão), pelos pecados cometidos na terra e a venda de relíquias, às vezes falsas; a centralização do poder que consolida o absolutismo, colocando em rivalidade a autoridade real e a autoridade papal.

Um dos primeiros a se opor aos ideais da igreja foi Martinho Lutero, que condenava a venda de indulgências. Segundo ele, o homem se salvaria pelos atos praticados em vida e pela fé.

Em seguida, cita-se João Calvino, que acreditava na salvação do homem pelo trabalho justo e honesto, onde conseguiu atrair muitos burgueses e banqueiros que também acreditavam na predestinação, ou seja, a pessoa já nasce com uma definição de vida.

Por ter tirado da Igreja Católica grande quantidade de terras e conseguido aumentar seu poder, o rei Henrique VIII, fundou o Anglicanismo (SEFFNER, 2011).

Como era de se esperar, ao se assustar com o avanço do protestantismo e após perder o poder religioso, econômico e político, a Igreja Católica reagiu, excomungou diversos dos seus doutrinadores, mandou queimar livros, criou o tribunal da santa inquisição que julgava e condenava hereges. Em seguida, adaptou-se para retomar o espaço perdido com o objetivo de propagar a sua doutrina reformada, construiu a Ordem dos Jesuítas e o Concílio de Trento, se reuniram para buscar uma forma de responder à Reforma, acabando eles com as vendas de indulgências e promovendo a moralidade nos quadros da Igreja Católica.

“Durante a Revolução Francesa, pela primeira vez em muitos séculos, uma nação tinha se desestabilizado oficialmente a toda forma de cristianismo como sua religião oficial” (IRVIN; SCOTT, 2015, p. 479 apud CAMPOS, 2017).

Diante dos novos pensamentos modernos, as religiões buscam formas para se impor, elaborando estratégias e se reorganizando em seus conceitos. A Igreja Católica após sofrer com sua perda de hegemonia, busca manter sua existência (CAMPOS, 2017).

Tendo como o objetivo reconstruir sua cristandade e atrair fiéis, utiliza-se de um sistema de devoção aos santos, ao Sagrado Coração de Jesus, ao culto a Jesus Cristo, à virgem Maria e ao Papa.

O nascimento da devoção ao Sagrado Coração de Jesus se constitui com Margarida Maria Alacoque, após ter grandes revelações da parte de Jesus Cristo. Em uma delas, mostrando seu próprio coração, irmã Margarida é incumbida pessoalmente de espalhar pelo mundo essa devoção. A partir do século XIX, após o Papa Pio IX tornar a festa do Sagrado Coração de Jesus obrigatória à toda a igreja, começa a aumentar a quantidade de projetos em torno dessa devoção (CAMPOS, 2017).

Começaram a surgir novas comunidades religiosas, como por exemplo, o Apostolado da Oração, com propósito de orações e consagrações, posteriormente, o Papa Leão XIII consagra todos os gêneros humanos ao sagrado Coração de Jesus, tornando mais forte a igreja como portadora dessa compaixão de Cristo. Essa devoção foi sendo espalhada pelo mundo, onde atormentadas pelos horrores da guerra muitas famílias e militares foram consagrados. Após a canonização de santa Margarida Maria e também com a festa de Cristo Rei, e maior entusiasmo com a devoção, se declarava o fim da modernidade e a salvação da humanidade (CAMPOS, 2017).

Um outro projeto de grande importância realizado pelo catolicismo romano, foi a devoção à virgem Maria.

As melhores referências que se tem sobre o dogma de Maria são: o Concílio de Éfeso, que proclama *theotokos* (Maria, mãe de Deus), após afirmar que Jesus Cristo é verdadeiramente Deus e homem, e o Concílio de Calcedônia, proclamando Maria como virgem, tendo como panorama a concepção de Jesus Cristo (BOFF, 2006 apud CAMPOS, 2017).

Sendo incentivada de várias formas, a devoção se desenvolve. São proclamados novos dogmas, como o de Imaculada Conceição da Virgem Maria, que tem um grande significado no meio social e político, configurando-se como a derrota do seu inimigo (pecado); e de Assunção de Maria, pois a sociedade vivia sob o poder do materialismo, cujo discurso é a vitória sobre a morte. Podem ser citadas também as cartas encíclicas feitas pelo magistério pontifício, que foram muito importantes nesse processo; as aparições marianas ao redor do mundo, elevando a intensidade à devoção a nossa senhora, contribuindo para fundação de novas congregações religiosas com proteção da Virgem Maria (CAMPOS, 2017).

Várias foram as batalhas enfrentadas pelo magistério pontifício, diante das ideias de modernidade trazidas pelo progresso, com propósito de defender uma sociedade católica, medidas foram sendo tomadas. Na luta contra os ideais modernos, o Papa Pio IX não aceitava ter diálogos e fazer acordos com líderes do ressurgimento. Através de suas encíclicas, condena o socialismo, comunismo, proclama o dogma da Imaculada Conceição e da infalibilidade, permite alianças entre partidos políticos e irmandades leigas, o que impede um entendimento entre o catolicismo e a modernidade (CAMPOS, 2017).

Outros papas continuaram com esse processo, o Papa Leão XIII com seu tomismo, brigando com as influências modernas na filosofia e teologia, contra o desenvolvimento da secularização e do socialismo; Pio X, com sua repressão antemodernista, por meio de uma sociedade secreta de espionagem e obrigação de juramento para os que exerciam os cargos eclesiásticos; Pio XI tinha a intensão de construir um cristianismo novo, onde a Igreja Católica seria a única instituída por Deus como representante da verdade, apoiou regimes de direita. Com o tratado de Latrão, favoreceu a restauração do poder temporal da igreja e a reparação financeira por parte do Estado Italiano. Diante da segunda Guerra, Pio XII mobiliza a igreja em favor das vítimas e refugiados, desaprova todo desenvolvimento filosófico e teológico dentro da igreja (CAMPOS, 2017).

A partir do pontificado de João XXIII, um novo olhar surge, atualizando as ideias e ordens estabelecidas anteriormente são desfeitas, como por exemplo, a restauração dos filósofos e teólogos que tinham sido cassados, uma abertura para um diálogo entre religiões, encíclicas *pace in terra e mater et Magistra* (CAMPOS, 2017).

Com a convocação do Concílio do Vaticano II, que tem a frente o Papa Paulo VI, grandes mudanças ocorrem na igreja e seu comportamento no mundo, lutando pela paz, visitando lugares, inclusive a Terra Santa. Inicia-se uma nova relação entre orientais e ocidentais católicos. Ressalta-se também a exortação feita por ele com objetivo de transportar ao mundo o evangelho de Cristo.

Voltando as religiões protestantes, é possível observar contribuições realizadas por elas através de seus discursos no desenvolvimento de alguns produtos da modernidade. Em Weber encontra-se o exemplo mais claro que permite essa visualização.

Em sua obra mais conhecida, *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*, ao estudar e analisar as religiões, em especial a protestante e a essência do capitalismo, se encontra diante da realidade, "que os donos de capital, líderes empresariais, trabalhadores mais especializados, pessoal com mais alta qualificação técnica, ou comercial das empresas modernas são protestantes" (WEBER, 2004, p. 29).

A explicação mais plausível para este fenômeno, se dá pela influência dos princípios religiosos protestantes. Na sua ética o desenvolvimento econômico revela benção e a presença de Deus na vida e nos negócios do indivíduo.

O luteranismo expandiu a concepção de que o trabalho é uma vocação divina, que foi dada ao homem como ferramenta de amor ao próximo, tem como sentido servir seu semelhante através do cumprimento do dever, dando liberdade para a classe mais inferior trabalhar e podendo acumular riquezas (SEFFNER, 2011).

O calvinismo se instalou na Holanda, Inglaterra e França, sobre a qual se moveram grandes lutas políticas e culturais dos séculos XVI e XVII (WEBER, 2004, p. 90). Sendo uma das religiões mais influente no desenvolvimento do capitalismo, o calvinismo tem como dogma principal a predestinação, que na sua crença, Deus já havia decidido o destino de cada indivíduo, vida ou morte, sendo assim, considera impossível a perda da salvação que era concedida e também a conquistar caso fossem rejeitadas.

Para os calvinistas o trabalho tem uma grande importância na vida dos indivíduos, o que dá suporte à racionalização do trabalho, estrutura do sistema capitalista. Deus ajuda a quem se ajuda e isso requer dos fiéis

uma vida de bons trabalhos. Esse processo foi contestado com um elemento de grande perigo político, pois cada um deveria seguir sozinho em busca daquilo que estava determinado para ele e para eternidade (SEFFNER, 2011).

Diante dos fatos apresentados acima sobre o catolicismo, que busca conter os avanços do protestantismo e manter viva sua cristandade, observa-se o processo de pluralização, que se tem início nesse período nessa religião.

É importante lembrar que o catolicismo sofre constantes mudanças em seu panorama geral, ao longo do século XX. Nota-se a expansão territorial dessa religião, estando a maior parte de seus fiéis fora da Europa hoje. Portanto, o catolicismo em sua estrutura, tem como característica incorporar a diversidade (TEIXEIRA e MENEZES, c2009).

Por tamanha complexidade nesse campo, sinaliza-se apenas alguns pontos presentes nesse processo de reconfiguração do catolicismo, mais precisamente no Brasil.

Encontram-se aqui algumas formas de catolicismo, o “santorai”, que tem como característica o culto aos santos e das devoções populares; o oficial, que coloca em questão a forma usual da preservação da tradição, exigindo renovação e o de reabilitados, que se trata da pertença à conversão, e da mudança na maneira pessoal e coletiva de se viver e experimentar a própria religião. Surge também o catolicismo midiático, esse envolve várias práticas e grupos religiosos que se unem à renovação carismática, implementando uma outra forma de ser igreja (TEIXEIRA e MENEZES, c2009).

Esse campo religioso passa por muitas reconfigurações, como o trânsito religioso, que pode ser compreendido como troca de religião ou prática de duas ou mais religiões. A partir desse movimento, encontra-se o universo dos sem religião, mas não sem religiosidade, o que dá a ideia de queda no número de fiéis católicos (TEIXEIRA e MENEZES, c2009).

Um outro processo começa se desenvolver, a partir do fortalecimento do movimento da Renovação Carismática, novas comunidades surgem, proporcionando um reavivamento do catolicismo, como por exemplo, a Toca de Assis, que contribui fortemente para esse desenvolvimento por ser um projeto de concreção religiosa, com grande dinamismo perante a crise de vocações religiosas no Brasil (TEIXEIRA e MENEZES, c2009).

Devido a esses movimentos construídos ao longo dos séculos, fica evidente o quanto o catolicismo se reconfigura para acompanhar o desenvolvimento. Na Antiguidade, era evidente o seu poder político e social, a que o ser humano era subordinado. Com o passar do tempo e a construção do pensamento moderno, o catolicismo regido pela crença em Deus, perde sua autonomia não ditando mais as regras sobre a vida do indivíduo, deixando de ser autoridade única competente para condução da vida e de tudo que se fazia no mundo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como objetivo principal nesse texto encontrar fatores que levaram o cristianismo, no seu formato católico, à perda de poder que exercia sobre a sociedade, temos então vários acontecimentos relatados na história. É possível dizer que, como fonte propulsora temos o humanismo renascentista, que rompe com a ideia de que Deus é o centro de tudo, dando início a nova forma de pensar do homem, que por sua vez passa a questionar à sua maneira de ser no mundo.

É importante frisar que o pensamento humanista, tinha a intenção de manter uma boa relação com Deus, porém, o homem teria mais condições de racionalizar através de seus pensamentos vários fenômenos, sejam eles: míticos, naturais, culturais e sociais.

Reconhecemos aqui a capacidade envolvente dessas ideias, que por sua vez conduz a construção de mais movimentos com pensamentos racionais modernos, induzindo o indivíduo ao abandono dos conceitos religiosos, que antes faziam parte de sua existência e o comandava.

Tais eventos, que vão além do rompimento com preceitos religiosos, como por exemplo, o desenvolvimento industrial, o capitalismo, novas ações políticas, culturais e sociais, dão força ao pensamento racional, que obviamente favorece a construção do pensamento moderno, com isso a religião passa a ser um fator secundário na vida do ser humano.

Como podemos observar, há grandes esforços do cristianismo, principalmente do catolicismo, para se manter vivo em meio à modernidade. A partir do momento em que começa a perder sua autonomia, passa repensar e construir novas ideias, com o objetivo de se manter ligado à novas estruturas trazidas pelo

pensamento moderno. Cabe ressaltar que a perda de autonomia dessa religião, está relacionada ao seu poder político social, a qual o homem medieval era guiado durante toda sua vida. Pode-se dizer que tudo era definido com preceitos na fé em Deus e em conjunto com as autoridades religiosas, porém, com os conceitos trazidos pelo pensamento racional moderno, o indivíduo não mais se permitia ser totalmente controlado, tendo ele condições de pensar sobre sua própria existência.

Conclui-se, então, que o cristianismo, sob sua forma católica em meio a esse processo, sofre um grande golpe, pois temos logo de início a Reforma Protestante, forçando a Igreja Católica a traçar estratégias para conter seu avanço. Cabe destacar que o cristianismo tanto católico quanto protestante, apesar de se oporem aos conceitos modernos, ao mesmo tempo contribuíram para seu desenvolvimento, pois várias de suas ideias influenciaram no desenvolvimento de vários sistemas. Portanto, acredito que o pensamento moderno foi um importante atributo para a conscientização do homem, que de certa forma trouxe consigo uma liberdade.

Sobre essas reflexões vale lembrar que estão limitadas as bibliografias pesquisadas, provavelmente não contemplando o suficiente o tema proposto, reconheço que possa ser aprimorado em estudos futuros.

BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, Z. **Modernidade em Ambivalência**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.

BERGER, P. L. L. T. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: A orientação do homem moderno**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BINGEMER, M. C. L. **O impacto da modernidade sobre a religião**. São Paulo: Loyola, 1992.

BURKE, P. E. B. A. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CAMPOS, B. M. E. S. W. F. **Fundamentalismos Religioso: três abordagens distintas e complementares**. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.

COSTA, J. A. **A contribuição de Andrés Torres Queiruga para uma releitura moderna do cristianismo**. Tese (Doutorado em Ciências da Religião), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, p. 296. 2009.

FALCON, F. J. C. **Iluminismo**. 4^a. ed. São Paulo: Ática, 2009.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GRESPLAN, J. **Revolução Francesa e Iluminismo**. 2. ed. São Paulo: contexto, 2014.

HOBBSAWM, E. J. D. R. I. I. A. I. 4. E. R. D. J. F.-U. 1. **Da revolução industrial inglesa ao imperialismo**. 4. ed. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986.

HOBBSAWM, E. J. E. **A era das revoluções: 1789-1848**. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

JÚNIOR, C. A. R. Laicidade, laicismo e secularização: definindo e Laicidade, laicismo e secularização. **e-revista.unioeste.br**, Campos de Toledo, p. 59-72, 2008. ISSN e-ISSN: 1981-4798 — ISSN: 1414-3089. Disponível em: <e-revista.unioeste.br>. Acesso em: 5 nov. 2019.

QUEIRUGA, A. T. **Fim do cristianismo pré-moderno: Desafios para um novo horizonte**. São Paulo: Paulus, 2003.

SEFFNER, F. **Da reforma a contrarreforma: o cristianismo em crise**. 10. ed. São Paulo: Atual, 2011.

SILVA, J. B. D. **Iluminismo - A filosofia das luzes**, 2007. Disponível em: <recantodasletras.com.br>. Acesso em: 18 out. 2019.

TEIXEIRA, F. L. C.; MENEZES, R. **Catolicismo plural: Dinâmicas contemporâneas**. Petrópolis, RJ: Vozes, c2009.

VEIGA, L. M. **A reforma protestante**. 4. ed. ed. São Paulo: Ática, 1995.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.

ZILLES, U. **Filosofia da religião**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1991.